

# **BALANÇA COMERCIAL DOS AGRONEGÓCIOS BRASILEIROS NO PERÍODO 1997-2004: diferenças entre os resultados em dólar e em real<sup>1</sup>**

Sueli Alves Moreira Souza<sup>2</sup>  
José Sidnei Gonçalves<sup>3</sup>  
José Roberto Vicente<sup>3</sup>

## **1 - INTRODUÇÃO**

O comércio exterior tem papel determinante na dinâmica da economia brasileira, cuja principal atividade produtiva, a agricultura, inicia-se sob a égide do capital comercial (FURTADO, 1989). Depois, no suceder de ciclos econômicos iniciados com a cana para indústria nordestina, passando pelo arroz maranhense, pelo café paulista que se espalhou pelo Sudeste brasileiro, pela cana para indústria paulista e mais recentemente pela agricultura diversificada de *commodities*, o panorama atual mostra que a agricultura brasileira sofreu profunda transformação espacial, tecnológica e da composição de produtos, mas mantém-se como mais relevante setor da economia, tanto assim que, na concepção de agronegócios, responde por parcela preponderante da entrada de divisas oriundas das transações externas (SOUZA; GONÇALVES; VICENTE, 2005).

No período recente, o expressivo crescimento do comércio exterior decorre diretamente das mudanças na política cambial realizadas em janeiro de 1999, data depois da qual ocorreu expressivo crescimento das exportações e redução das importações, com impactos nos saldos comerciais que evoluíram a taxas significativas (SOUZA; GONÇALVES; VICENTE, 2005). A taxa de câmbio real, dentre outras variáveis, mostra-se relevante para a determinação dos saldos comerciais, tendo desempenhado papel significativo na construção do desempenho do comércio exterior brasileiro no período recente, sendo preocupantes os movimen-

tos conjunturais dos últimos meses de 2004 e início de 2005, que tendem para uma apreciação da moeda nacional (CARVALHO, 2005).

Nesse contexto, este trabalho procura não apenas avaliar o desempenho do comércio exterior brasileiro no período 1997-2004, destacando os agronegócios nesse processo e detalhando as evoluções particulares das exportações, das importações e dos saldos comerciais, mas também caracterizar os impactos do conversão cambial na dinâmica interna ao avaliar o desempenho do comércio exterior tanto no sistema usual valorado em moeda norte-americana como em moeda brasileira, buscando detectar as diferenças de comportamento entre as duas séries, uma vez que o patamar dessa conversão revela o impacto na renda setorial interna. Finalizando, analisa-se a composição do comércio exterior dos agronegócios, destacando o perfil da agregação de valor nas exportações, nas importações e nos saldos comerciais.

## **2 - PROCEDIMENTOS DO LEVANTAMENTO E TRATAMENTO DOS DADOS**

As informações básicas e os valores mensais por mercadoria no período 1997-2004 para as exportações e importações foram obtidas via acesso eletrônico junto à Secretaria de Comércio Exterior do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio (SECEX/MDIC).

Essas informações mensais de valor por mercadoria foram transformadas em moeda nacional com base nas médias mensais entre as cotações diárias de compra e venda do dólar no câmbio flutuante, divulgadas pelo Banco Central do Brasil.

Essa nova base de informações mensais de valor, transformada em moeda nacional,

<sup>1</sup>Cadastrado no SIGA NRP1745 e registrado no CCTC, IE-38/2005.

<sup>2</sup>Economista, Pesquisadora Científica do Instituto de Economia Agrícola.

<sup>3</sup>Engenheiro Agrônomo, Doutor, Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola.

foi deflacionada para refletir valores constantes de dezembro de 2004, com base no Índice Nacional de Preços ao Consumidor Ampliado (IPCA), da Fundação Instituto de Geografia e Estatística (IBGE).

O processamento, para a obtenção dos valores de importação, exportação e saldos comerciais, expressos tanto em moeda norte-americana como em moeda brasileira a preços constantes de dezembro de 2004, que permitiu a obtenção dos valores totais anuais para o período 1997-2004 foi realizado com a utilização do *Statistical Analysis System (SAS)*, com agregação realizada conforme descrito em Vicente et al. (2001).

### 3 - AGRONEGÓCIOS NA BALANÇA COMERCIAL BRASILEIRA: 1997-2004

A balança comercial evoluiu de forma consistente no período 1997-2004 tendo revertido uma realidade de saldos comerciais negativos para a obtenção de expressivos saldos comerciais positivos (Tabela 1). Fica nítido o impacto da mudança da política cambial realizada em janeiro de 1999, quando foi adotado o câmbio flutuante, ainda que com o Banco Central do Brasil se constituindo num agente ativo no mercado de câmbio, mas alterando de forma drástica seu mecanismo de intervenção.

Comparando os extremos do período, tomando o ano de 2004 em relação a 1997, verifica-se que as exportações valoradas em moeda norte-americana evoluíram de US\$52,99 bilhões no início do período para US\$96,48 bilhões no final, num crescimento acumulado de 82,1% considerando os anos referidos. Em moeda brasileira, as vendas externas cresceram de R\$96,81 bilhões em 1997 para R\$291,86 bilhões em 2004, num incremento de 198,4% no espaço de tempo considerado (Tabela 1). Os impactos na economia interna das exportações foram expressivos, à medida que as vendas externas quase duplicaram quando mensuradas em moeda norte-americana e quase triplicaram quando medidas em moeda brasileira, o que se reflete numa internalização de renda pelos exportadores em proporção muito superior à quantidade de divisas geradas no processo.

Nas importações brasileiras, o comportamento mostra-se diverso, ainda que também

refletia a alteração na política cambial. Tomadas em moeda norte-americana as aquisições externas revelam oscilações no período 1997-2004, com queda entre 1997 e 1999 (US\$59,75 bilhões para US\$49,9 bilhões), crescimento para patamares similares em 2000 e 2001 (média de US\$55,71 bilhões, nova redução para níveis semelhantes em 2002 e 2003 (média de US\$47,76 bilhões) e outro crescimento em 2004 (US\$62,79 bilhões). Com esse desempenho sem tendência definida, refletindo diretamente as oscilações das conversões cambiais, as importações brasileiras cresceram apenas 5,1% quando se analisa a evolução dos valores expressos em moeda norte-americana, comparando 2004 com 1997. As compras externas tomadas em moeda brasileira mostram de forma nítida os efeitos da política cambial à medida que, enquanto tendência geral, as importações cresceram no período 1997-2004, saltando de R\$110,34 bilhões, em 1997, para R\$189,63 bilhões em 2004, com acréscimo de 71,9% em valores despendidos em moeda brasileira (Tabela 1). Destacam-se, nessa série expressa em moeda nacional, as compras externas do ano de 2002 (R\$153,75 bilhões) que destoam da tendência geral ao apresentar queda em relação a 2001 (R\$178,85 bilhões), o que resulta diretamente da crise externa vivida pela economia brasileira naquele ano, com efeitos no câmbio e recuperação no decorrer de 2003.

O desempenho dos saldos da balança comercial brasileira mostra dois períodos característicos, sendo que no período 1997-2000 ocorrem *déficits* ainda que cadentes e, após a inversão de sinais na virada do século, no período 2001-2004 manifestam-se *superávits* crescentes. No período 1997-2000 de balança comercial deficitária, em moeda norte-americana, os saldos caíram de US\$6,75 bilhões em 1997 (nível similar a 1998) para US\$752,99 milhões em 2000, num recuo de 88,8%, o que revela a magnitude do ajuste abrupto decorrente da mudança da política cambial. Em moeda brasileira, a redução foi de 83,0% nos *déficits* comerciais, saindo do patamar de R\$12,53 bilhões em 1997 (também semelhante a 1998) para níveis de R\$2,13 bilhões em 2000. Na fase de saldos comerciais ascendentes, quando valorados em moeda norte-americana, estes evoluem de US\$2,65 bilhões em 2001 para US\$33,68 bilhões em 2004, o que resulta em desempenho, em 2004, que equivale a 12,7 vezes

TABELA 1 - Balança Comercial Nacional, Brasil, 1997-2004

Ano	Em US\$1.000			Em R\$1.000 <sup>1</sup>		
	Exportação	Importação	Saldo	Exportação	Importação	Saldo
1997	52.994.341	59.747.227	-6.752.886	97.806.347	110.340.591	-12.534.244
1998	51.139.862	57.763.476	-6.623.614	97.539.843	110.301.439	-12.761.596
1999	48.011.444	49.294.639	-1.283.195	136.936.731	140.503.292	-3.566.561
2000	55.085.595	55.838.590	-752.995	147.690.909	149.819.411	-2.128.502
2001	58.222.642	55.572.176	2.650.466	188.088.019	178.846.631	9.241.388
2002	60.361.786	47.236.752	13.125.034	198.244.357	153.754.117	44.490.240
2003	73.084.140	48.291.040	24.793.100	245.836.905	163.466.991	82.369.914
2004	96.475.220	62.789.913	33.685.307	291.864.359	189.634.937	102.229.422

<sup>1</sup>Em valores constantes de dezembro de 2004, deflacionados pelo IPCA do IBGE.  
Fonte: Elaborada a partir de dados básicos da SECEX/MDIC.

o observado em 2001. Em moeda nacional, os saldos comerciais que totalizaram R\$9,24 bilhões em 2001 cresceram 11,1 vezes para atingirem R\$102,22 bilhões em 2004 (Tabela 1). Além de mais uma vez demonstrar os impactos diretos da alteração da política cambial operada em 1999 sobre os saldos comerciais brasileiros, à medida que desvalorizou a moeda nacional, verifica-se que apesar do ajustamento poderoso, ato imediato da mudança face à sua magnitude, os efeitos mais expressivos ocorrem num prazo mais largo de tempo.

Na leitura do desempenho dos agronegócios verifica-se, em moeda norte-americana, dois movimentos: um anterior à mudança do câmbio em 1999 e outro posterior. Nesse primeiro momento, as exportações recuam de US\$24,93 bilhões, em 1997, para US\$21,63 bilhões em 1999, enquanto, no segundo momento, as vendas externas saltam para US\$41,51 bilhões em 2004, com o que o crescimento total alcança 66,5% quando se comparam os extremos do período 1997-2004. Em moeda brasileira, o comportamento mostra-se um pouco distinto: nos dois primeiros anos as exportações situaram-se no patamar de R\$45,00 bilhões (R\$45,97 bilhões em 1997 e R\$43,91 bilhões em 1998), nível que experimenta incremento para atingir R\$61,66 bilhões em 1999 seguido de recuo para R\$58,30 bilhões em 2000; desde então passa a crescer de forma ininterrupta, alcançando R\$126,09 bilhões em 2004, consignando um crescimento de 174,3% quando se coteja os anos de 2004 com 1997 (Tabela 2). Duas constatações merecem ser destacadas: a primeira diz respeito ao fato de os agronegócios terem crescimento das exportações menor que o total nacional quando se comparam os anos extremos do período 1997-2004 (66,5% contra 82,0% em moeda norte-

americana e 174,3% contra 198,4% em moeda brasileira) e a segunda consiste na verificação que os agronegócios responderam de forma defasada à mudança da política cambial (com maior lentidão), visto que seu crescimento inicia-se durante o ano de 2001 enquanto na economia como um todo esse processo começa em 2000.

Nas importações dos agronegócios, a evolução em moeda norte-americana mostra uma redução de patamar de US\$12,00 bilhões nos dois primeiros anos (US\$12,65 bilhões em 1997 e US\$11,92 bilhões em 1998) para US\$9,00 bilhões nos dois anos seguintes (US\$8,89 bilhões em 1999 e US\$9,26 bilhões em 2000). No triênio 2000-2002, as aquisições externas dos agronegócios diminuem de US\$9,26 bilhões em 2000 para US\$7,55 bilhões em 2002, revertendo a tendência a partir dessa data para mostrar crescimento no triênio 2002-2004, quando salta para US\$10,20 bilhões em 2004. No período 1997-2004, as importações dos agronegócios expressas em moeda norte-americana sofrem redução de 16,4% na comparação dos extremos. Quando contabilizadas em moeda brasileira, as importações dos agronegócios mostram crescimento de 35,6% quando considerados os extremos do período 1997-2004, tendência geral distinta da verificada para a análise em moeda norte-americana à medida que crescem de R\$22,68 bilhões em 1997 para R\$27,04 bilhões em 2001, sofrem uma redução com a crise cambial de 2002 recuando para R\$24,65 bilhões, voltando a crescer nos dois últimos anos da série, alcançando R\$30,77 bilhões em 2004 (Tabela 2). Nesse caso, mais uma vez fica registrado o impacto direto das mudanças da política cambial, à medida que, embora em moeda norte-americana as importações dos agronegócios tenham sofrido redução, quando tomadas em moeda brasileira elas aumen-

TABELA 2 - Balança Comercial dos Agronegócios, Brasil, 1997-2004

Ano	Em US\$1.000			Em R\$1.000 <sup>1</sup>		
	Exportação	Importação	Saldo	Exportação	Importação	Saldo
1997	24.933.863	12.281.435	12.652.428	45.973.102	22.684.718	23.288.384
1998	23.018.581	11.916.660	11.101.921	43.915.376	22.763.555	21.151.821
1999	21.633.402	8.888.090	12.745.312	61.657.051	23.875.268	37.781.783
2000	21.750.402	9.258.302	12.492.100	58.296.723	24.842.715	33.454.008
2001	24.981.146	8.365.976	16.615.170	81.186.152	27.037.751	54.148.401
2002	26.034.892	7.553.867	18.481.025	85.882.851	24.650.287	61.232.564
2003	32.388.938	8.418.967	23.969.971	108.547.717	28.338.022	80.209.695
2004	41.508.626	10.201.581	31.307.045	126.091.500	30.773.393	95.318.107

<sup>1</sup>Em valores constantes de dezembro de 2004, deflacionados pelo IPCA do IBGE.

Fonte: Elaborada a partir de dados básicos da SECEX/MDIC.

tam, revelando dispêndios crescentes dos agentes econômicos internos para compras no exterior.

No tocante aos saldos comerciais dos agronegócios, nota-se que, tomados em moeda norte-americana, situam-se num patamar médio de US\$12,2 bilhões no quadriênio 1997-2000, assumindo acelerado ritmo crescente no período 2000-2004; são crescentes em moeda norte-americana em todo período 1997-2004, atingindo US\$31,31 bilhões em 2004. Na comparação dos extremos tem-se um significativo incremento de 147,4% em 2004 com o desempenho de 1997. Em moeda brasileira ocorre *performance* oscilante no quadriênio 1997-2000, com reversões de comportamento a cada dois anos, com queda de 1997 (R\$21,29 bilhões) para 1998 (R\$21,15 bilhões), aumento de 1998 para 1999 (R\$37,78 bilhões) e nova queda no decorrer de 2000 (R\$33,45 bilhões). Apenas no período seguinte (2000-2004) verifica-se uma fase de crescimento consistente dos saldos comerciais dos agronegócios brasileiros expressos em moeda nacional, saltando de R\$33,45 bilhões em 2000 para R\$95,32 bilhões em 2004, levando à multiplicação dos saldos comerciais por quatro vezes nos oito anos considerados (Tabela 2). Importante destacar que, conquanto os saldos comerciais dos agronegócios sejam positivos em todo período 1997-2004, seu crescimento foi muito maior quando expresso em moeda nacional (2004 corresponde a quatro vezes o observado em 1997) que em moeda norte-americana (2004 corresponde a 2,5 vezes o observado em 1997), o que reforça a constatação do papel decisivo da mudança cambial nesse processo.

Avaliando a participação dos agronegócios brasileiros no comércio exterior nacional,

no período 1997-2004, verifica-se que a representatividade setorial nas exportações sofre redução entre 1997 e 2000, tanto em moeda norte-americana (47,1% para 39,5%) quanto em moeda brasileira (47,0% para 39,5%), e apresenta reversão de tendência quando se compara 2000 com 2003 - também indiferente se em moeda norte-americana (39,5% para 44,3%) ou em moeda brasileira (39,5% para 44,2%). Na comparação da participação das exportações de 2003 com as de 2004, nota-se queda em moeda norte-americana (44,3% para 43,0%) e em moeda brasileira (44,2% para 43,2%). Nas importações, a representatividade dos agronegócios apresenta redução no período 1997-2001 em moeda norte-americana (20,6% em 1997 para 15,0% em 2001) que se mostra similar em moeda brasileira (20,6% em 1997 para 15,1% em 2001). No período seguinte, triênio 2001-2003, a participação aumenta tanto em moeda norte-americana (15,1% em 2001 para 17,4% em 2003) quanto em moeda brasileira (15,1% para 17,3%). Em 2004, cotejando com 2003, em ambas as moedas ocorre queda da participação setorial nas aquisições no exterior (reco de 17,4% para 16,2%) (Tabela 3). Esses indicadores suscitam duas observações fundamentais: a primeira consiste na queda proporcional das compras dos agronegócios no exterior com a mudança da política cambial, revelando substituição de importações, e a segunda consiste em se notar que, a despeito da similaridade dos desempenhos quando aferidos em moedas norte-americana e brasileira, em anos específicos como o caso de 1999, essa diferença pode ser expressiva (18,0% em US\$ e 17,0% em R\$), revelando comportamentos que refletem o tempo do ajuste às mudanças na conversão cambial.

TABELA 3 - Participação Percentual dos Agronegócios no Comércio Exterior Total, Brasil, 1997-2004

Ano	Em US\$		Em R\$	
	Exportação	Importação	Exportação	Importação
1997	47,05	20,56	47,00	20,56
1998	45,01	20,63	45,02	20,64
1999	45,06	18,03	45,03	16,99
2000	39,48	16,58	39,47	16,58
2001	42,91	15,05	43,16	15,12
2002	43,13	15,99	43,32	16,03
2003	44,32	17,43	44,15	17,34
2004	43,03	16,25	43,20	16,23

Fonte: Elaborada a partir de dados básicos da SECEX/MDIC.

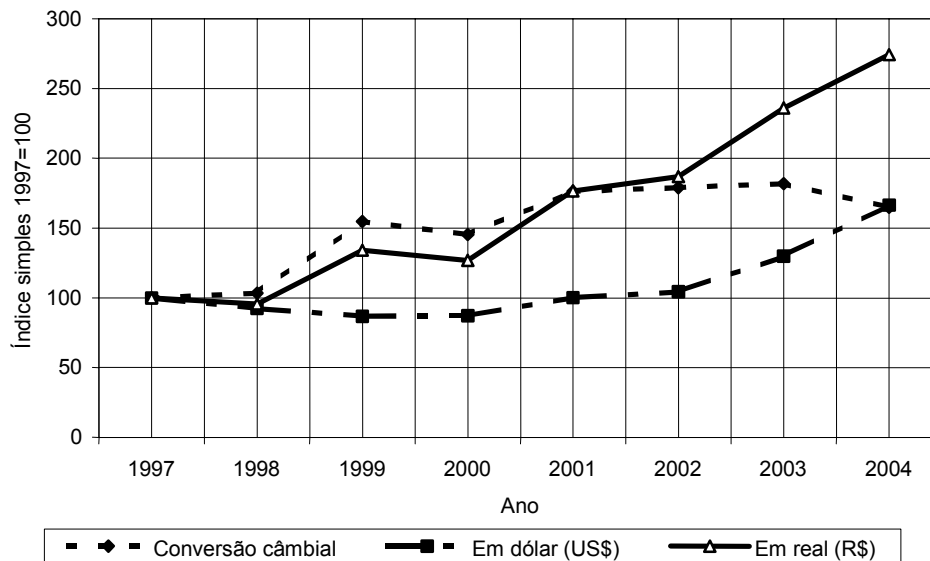
Ao se analisar em maior profundidade os efeitos das mudanças da política cambial sobre as exportações dos agronegócios, é interessante analisar a evolução da estimativa da conversão cambial média praticada (divisão entre o valor das exportações em moeda brasileira pelo respectivo valor em moeda norte-americana), bem como dos respectivos valores totais (nas duas moedas), ajustando-os para um índice simples com base fixada em 1997 (1997=100). O comportamento da conversão cambial média anual revela crescimento reduzido entre 1997 e 1998, um salto significativo em 1999, manutenção em 2000, novo acréscimo em 2001, nível mantido em 2002 e 2003 e queda em 2004. Comparando com os valores totais das exportações, nota-se que quando avaliadas em moeda norte-americana, as exportações dos agronegócios não apresentam evolução consistente no período 1997-2002, mantendo-se em patamares similares ainda que na presença da política cambial já alterada. Quanto aos valores mensurados em moeda brasileira no mesmo períodos verifica-se que acompanham de forma direta a evolução da conversão cambial. A alteração verificável dá-se quando são comparadas tanto as exportações em moeda brasileira como as em moeda norte-americana, com a evolução da conversão cambial média praticada, revelando uma descolagem das respectivas tendências, enquanto os valores das exportações apontam para crescimento substantivo, a conversão cambial evoluiu para manutenção com viés de queda no último ano (Figura 1). Esse comportamento suscita a conclusão de que, embora tenha sido importante na determinação da alavancagem das exportações dos agronegócios brasileiros, a transformação da política cambial não dá conta sozinha da explicação do comportamento das exportações setoriais

nos últimos dois anos. Alterações na composição de produtos, ganhos de competitividade, abertura de novos mercados, ampliação das vendas para mercados tradicionais, em função de resultados da política comercial, podem estar na explicação para esse avanço das vendas externas no período recente.

#### 4 - COMPOSIÇÃO DE AGREGAÇÃO DE VALOR DO COMÉRCIO EXTERIOR DOS AGRONEGÓCIOS BRASILEIROS NO PERÍODO 1997-2004

A análise da agregação de valor no comércio exterior dos agronegócios permite visualizar a contribuição do processo de transformação produtiva pela internalização das agroindústrias de processamento e agroindústrias de alimentos para a *performance* das contas externas setoriais. Como o foco aqui definido consiste em avaliar o perfil da agregação de valor da balança comercial, toda análise será baseada em informações expressas em moeda brasileira, refletindo valores constantes de dezembro de 2004 obtidos na forma mencionada nos procedimentos de tratamento dos dados. Para uma nação cujo processo de inserção no comércio internacional se deu como primário exportador, tendo passado por um intenso processo de industrialização do campo, espera-se que os níveis de agregação de valor indiquem crescimento da participação dos produtos manufaturados da agricultura em relação aos produtos básicos. Ressalve-se que é importante não cair no equívoco de se relacionar a exportação de produtos básicos com vendas externas de produtos sem inovação tecnológica.

O processo de inovação tecnológica é distinto do processo de agregação de valor, uma



**Figura 1** - Evolução da Conversão Cambial e das Exportações dos Agronegócios Expressas em Dólar e em Real, Brasil, 1997-2004.

Fonte: Banco Central do Brasil para câmbio e SECEX/MDIC para exportação.

vez que, se é verdade que a agregação de valor na agricultura implica a necessidade de inovação tecnológica no desenvolvimento de produtos e processos, em especial de transformação agroindustrial, o inverso não é verdadeiro, pois produtos básicos da agricultura, notadamente os representados pelas *commodities*, que sempre resultam de intensos processos de inovação tecnológica, não incorporam qualquer nível de agregação de valor da ótica da transformação por processos agroindustriais. Exemplo mais consistente dessa situação de inovação tecnológica intensa num produto básico da ótica da agregação de valor consiste na soja em grão, introduzida no Brasil na década de 1930 com limitações significativas de fotoperiodismo e da baixa produtividade, transforma-se, pela inovação tecnológica, numa lavoura tropical (ampliando sua zona de produção do Chuí para alcançar quase o Oiapoque) com elevadas produtividades médias (superiores às norte-americanas).

A composição das exportações dos agronegócios brasileiros sob a ótica do perfil de agregação de valor no período 1997-2004 mostra os produtos básicos não apenas como aqueles que correspondem à maior parcela das vendas externas, como essa participação é crescente entre 1999 e 2004, quando avançou de 39,8% para 48,9%, revertendo a tendência de queda do triênio 1997-1999 (44,8% em 1997 para 39,8% em 1999). Em valores, tomando os extremos do pe-

ríodo 1997-2004, as exportações de produtos básicos cresceram 199,06%, saindo de R\$20,61 bilhões para R\$61,63 bilhões, ou seja, verifica-se um incremento percentual superior aos 174,27% do total das vendas externas dos agronegócios. Para o mesmo espaço temporal, as participações dos manufaturados apresentaram redução de 38,3%, em 1997, para 34,2%, em 2004, ainda que tenham avançado 144,5% entre esses anos ao crescerem de R\$17,63 bilhões para R\$43,10 bilhões. Para os semi-manufaturados, que saltaram de vendas externas iguais a R\$7,74 bilhões, em 1997, para R\$21,37 bilhões, em 2004, apresentam crescimento de 176,1% inferior à média setorial, conquanto exatamente o primeiro e o último ano da série tenham mostrado as menores participações relativas (16,8% em 1997 e 16,9% em 2004), enquanto durante todos os demais anos apresentem proporções relativas maiores das vendas totais (mínimo de 18,7% em 2002 e máximo de 20,4% em 1999) (Tabela 4). Como característica geral das exportações dos agronegócios brasileiros no período 1997-2004 tem-se não apenas a presença preponderante como crescente dos produtos básicos, bem como uma participação relativa cadente, ainda que expressiva, dos manufaturados.

Ao se analisar as importações dos agronegócios, a participação relativa dos perfis de agregação de valor revela-se inversa àquela detectada para as exportações setoriais. Os produ-

TABELA 4 - Composição das Exportações dos Agronegócios, Brasil, 1997-2004

Ano	Em R\$1.000 <sup>1</sup>			Em %		
	Básicos	Semimanufat.	Manufat.	Básicos	Semimanufat.	Manufat.
1997	20.606.486	7.740.033	17.626.583	44,82	16,84	38,34
1998	17.665.993	8.376.447	17.872.936	40,23	19,07	40,70
1999	24.546.150	12.567.974	24.542.927	39,81	20,38	39,81
2000	23.615.460	11.493.271	23.187.992	40,51	19,72	39,78
2001	36.543.413	15.453.769	29.188.970	45,01	19,03	35,95
2002	38.675.027	16.062.966	31.144.858	45,03	18,70	36,26
2003	49.691.306	21.269.957	37.586.454	45,78	19,60	34,63
2004	61.625.116	21.368.678	43.097.706	48,87	16,95	34,18

<sup>1</sup>Em valores constantes de dezembro de 2004, deflacionados pelo IPCA do IBGE.  
Fonte: Elaborada a partir de dados básicos da SECEX/MDIC.

tos manufaturados representam a maior proporção das aquisições externas brasileiras no período 1997-2004, com percentual oscilando entre o mínimo de 53,3% em 2003 e o máximo de 60,9% em 1999, tendo iniciado o período em 1997 com 58,6% e terminado em 2004 com 69,5%. Em valores, destacando e comparando os extremos da série, as importações de manufaturados evoluíram de R\$13,29 bilhões em 1997, para R\$18,63 bilhões em 2004, num incremento de 40,1% que se mostra superior à média de 35,7% das aquisições externas dos agronegócios. As importações de produtos básicos apresentam o mesmo patamar de R\$7,59 bilhões em 1997 e em 2004. Em relação às importações totais dos agronegócios percebem-se oscilações abruptas em função do verificado em 2003, cujo percentual de 34,1% destoa da tendência de queda de 33,5% em 1997 para 24,7% em 2004. Os produtos semi-manufaturados mostram aquisições externas crescentes em 153,0%, saindo de R\$1,80 bilhões em 1997 para R\$4,55 bilhões em 2004, com o que sua representatividade cresce de 7,9% para 14,8% no mesmo espaço de tempo (Tabela 5). Traçando um perfil das importações dos agronegócios brasileiros sob a ótica da agregação de valor no período 1997-2004, verifica-se a preponderância dos produtos manufaturados com concomitante crescimento dos semimanufaturados.

Esses desempenhos das exportações e importações dos agronegócios acabam refletindo-se num perfil do saldo comercial setorial em que preponderam os produtos básicos, cuja representatividade varia em torno da metade dos saldos obtidos, oscilando entre o mínimo de 43,4%, em 1999 e o máximo de 56,7%, em 2004. Analisando o período 1997-2004, os sal-

dos obtidos nas transações com produtos básicos cresceram 315,2%, avançando de R\$13,01 bilhões em 1997 para R\$54,04 bilhões em 2004, avanço superado pelos manufaturados cujos saldos aumentaram 464,7%, ao evoluírem de R\$4,33 bilhões em 1997 para R\$24,66 bilhões em 2004, com o que a participação relativa desses produtos agriprocessados subiu de 18,6% em 1997 para 25,7% em 2004, conquanto tenham apresentado patamares maiores que 28,0% em 2002 e 2003 (Tabela 6). O perfil de agregação de valor dos saldos comerciais mostra a preponderância dos produtos básicos, que cresceram mais que a média geral, ainda que seja verificado avanço dos saldos gerados pelos manufaturados.

## 5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do desempenho da balança comercial dos agronegócios brasileiros no período 1997-2004 mostrou a consistência da contribuição setorial à medida que se manteve com expressivos e crescentes saldos positivos em todo período, enquanto a balança comercial nacional total apresentava saldos negativos e cadentes no quadriênio 1997-2000. Essa situação reverteu-se para *performances* positivas no período 2001-2004, com relevante contribuição dos agronegócios, decorrente da mudança da política cambial brasileira operada no início de 1999. Em relação às diferenças do comportamento dos valores quando expressos em moedas distintas, verifica-se que: na análise dos valores das exportações, das importações e dos saldos comerciais, seja da balança comercial nacional como um todo, seja na balança comercial dos agronegócios, verifica-se

TABELA 5 - Composição das Importações dos Agronegócios, Brasil, 1997-2004

Ano	Em R\$1.000 <sup>1</sup>			Em %		
	Básicos	Semimanufat.	Manufat.	Básicos	Semimanufat.	Manufat.
1997	7.590.786	1.799.922	13.294.010	33,46	7,93	58,60
1998	7.973.026	2.008.690	12.781.839	35,03	8,82	56,15
1999	8.093.932	2.694.046	14.536.674	33,90	11,28	60,89
2000	7.724.848	3.107.621	14.010.246	31,10	12,51	56,40
2001	7.629.800	3.414.804	15.993.147	28,22	12,63	59,15
2002	7.610.595	3.334.015	13.705.677	30,87	13,53	55,60
2003	9.672.222	3.568.933	15.096.867	34,13	12,59	53,27
2004	7.587.842	4.554.419	18.631.132	24,66	14,80	60,54

<sup>1</sup>Em valores constantes de dezembro de 2004, deflacionados pelo IPCA do IBGE.  
Fonte: Elaborada a partir de dados básicos da SECEX/MDIC.

TABELA 6 - Composição dos Saldos Comerciais dos Agronegócios, Brasil, 1997-2004

Ano	Em R\$1.000 <sup>1</sup>			Em %		
	Básicos	Semimanufat.	Manufat.	Básicos	Semimanufat.	Manufat.
1997	13.015.700	5.940.111	4.332.573	55,89	25,51	18,60
1998	9.692.967	6.367.757	5.091.097	45,83	30,11	24,07
1999	16.452.218	9.873.928	10.006.253	43,55	26,13	26,48
2000	15.890.612	8.385.650	9.177.746	47,50	25,07	27,43
2001	28.913.613	12.038.965	13.195.823	53,40	22,23	24,37
2002	31.064.432	12.728.951	17.439.181	50,73	20,79	28,48
2003	40.019.084	17.701.024	22.489.587	49,89	22,07	28,04
2004	54.037.274	16.814.259	24.466.574	56,69	17,64	25,67

<sup>1</sup>Em valores constantes de dezembro de 2004, deflacionados pelo IPCA do IBGE.  
Fonte: Elaborada a partir de dados básicos da SECEX/MDIC.

uma nítida diferença de ritmo de evolução entre os valores expressos em moeda norte-americana quando cotejados com os valores expressos em moeda brasileira em valores constantes de dezembro de 2004.

As principais conclusões para a balança comercial brasileira como um todo, sintetizadas em linhas gerais, são:

- essas diferenças nas exportações brasileiras foram expressivas, à medida que as vendas externas quase duplicaram quando mensuradas em moeda norte-americana e quase triplicaram quando medidas em moeda brasileira, o que reflete-se numa internalização de renda pelos exportadores em proporção muito superior à quantidade de divisas geradas no processo;
- as importações brasileiras não apresentaram tendência definida no período, ao crescerem apenas 5,1% quando se analisa a evolução dos valores expressos em moeda norte-americana comparando 2004 com 1997. As compras externas tomadas em moeda brasileira mostram de forma nítida os efeitos da política cambial, enquanto tendência geral, as importações aumentam com acréscimo de 71,9% em valores des-

pendidos em moeda brasileira; e

- o desempenho dos saldos da balança comercial brasileira mostra dois períodos característicos, sendo que no período 1997-2000 ocorrem *déficits* ainda que cadentes e, após a inversão de sinais na virada do século, no período 2001-2004 manifestam-se *superávits* crescentes. Pelas informações analisadas, além de mais uma vez demonstrarem os impactos diretos da alteração da política cambial operada em 1999 sobre os saldos comerciais brasileiros, de modo a desvalorizar a moeda nacional, verifica-se que embora tenha havido um ajustamento poderoso, ato imediato da mudança face à magnitude da mesma, os efeitos mais expressivos ocorrem num prazo mais largo de tempo.

Em relação ao desempenho da balança comercial dos agronegócios verifica-se, em resumo, que:

- nas exportações setoriais, duas constatações merecem ser destacadas: a primeira diz respeito ao fato de terem os agronegócios crescimento das exportações menor que o total nacional quando se comparam os anos extremos do período 1997-2004 (66,5% contra 82,0% em



moeda norte-americana e 174,3% contra 198,4% em moeda brasileira) e a segunda consiste na verificação que os agronegócios responderam de forma defasada à mudança da política cambial (com maior lentidão), visto que o seu crescimento inicia-se durante o ano de 2001 enquanto, na economia como um todo, começa em 2000;

- embora tenha sido importante na determinação da alavancagem das exportações dos agronegócios brasileiros, a transformação da política cambial não dá conta sozinha da explicação do comportamento das exportações setoriais nos últimos dois anos. Alterações na composição de produtos, ganhos de competitividade, abertura de novos mercados, ampliação das vendas para mercados tradicionais, em função de resultados da política comercial, podem estar na explicação desse avanço das vendas externas no período recente;
- como características gerais das exportações dos agronegócios brasileiros no período 1997-2004 tem-se não apenas a presença preponderante e crescente dos produtos básicos, como também participação relativa cadente, ainda que expressiva, dos manufaturados;
- nas importações setoriais mais uma vez fica registrado o impacto direto das mudanças da política cambial, embora em moeda norte-americana, as aquisições externas dos agronegócios tenham sofrido redução, quando tomadas em moeda brasileira elas crescem, revelando dispêndios crescentes dos agentes econômicos internos para compras no exterior;
- traçando um perfil das importações dos agronegócios brasileiros sob a ótica da agregação de valor no período 1997-2004, verifica-se a preponderância dos produtos manufaturados com concomitante crescimento dos semi-manufaturados;
- conquanto os saldos comerciais dos agronegócios

sejam positivos em todo período 1997-2004, seu crescimento foi muito maior quando expresso em moeda nacional (2004 corresponde a quatro vezes o observado em 1997) que em moeda norte-americana (2004 corresponde a 2,5 vezes o observado em 1997), o que reforça a constatação do papel decisivo da mudança cambial nesse processo; e

- o perfil de agregação de valor dos saldos comerciais mostra a preponderância dos produtos básicos, que cresceram mais que a média geral, ainda que seja verificado avanço dos saldos gerados pelos manufaturados.

Em síntese, dadas as diferenças de comportamento verificadas nos indicadores de comércio exterior (exportações, importações e saldos comerciais), quando se comparam os valores dispostos em séries históricas expressas em moeda brasileira e em moeda estrangeira, numa realidade de câmbio flutuante com níveis de conversão cambial crescentes, como o verificado no Brasil no período posterior ao ano 2000, exacerbam-se os impactos na renda interna dos movimentos de crescimento das exportações não apenas com maiores impactos no aumento do produto nacional, como também revela a ampliação da proporcionalidade da riqueza nacional movimentada pelos segmentos exportadores. De outro lado, para os importadores há um aumento significativo dos dispêndios para internalizarem produtos estrangeiros, bem como reduz de forma decisiva sua participação percentual na renda nacional. Numa situação inversa, de conversões cambiais decrescentes, os impactos dos aumentos das exportações na renda nacional tendem a ser inferiores uma vez que ocorrem diferenças percentuais a menor, verificáveis na evolução das vendas externas expressas em moeda nacional, quando comparadas aos negócios expressos em moeda norte-americana.

## LITERATURA CITADA

CARVALHO, M. A. Taxa de câmbio e saldo comercial brasileiro. **Informações Econômicas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 64-69, fev. 2005.

FURTADO, C. **Formação econômica do Brasil**. São Paulo: Nacional, 1989. 291 p.

SOUZA, S. A. M.; GONÇALVES, J. S.; VICENTE, J. R. Agronegócios brasileiros no mercado internacional em 2004: recordes dos indicadores de transações comerciais. **Informações Econômicas**, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 44-50, mar. 2005.

VICENTE, J. R. et al. **Sistema de importações e exportações dos agronegócios (Sistema IEA):** conceituação e análise dos resultados, 1997-2001. São Paulo: SAAV APTA, 2001. 356 p. (Série Ação Apta, 5).

**BALANÇA COMERCIAL DOS AGRONEGÓCIOS BRASILEIROS NO PERÍODO 1997-2004:  
diferenças entre os resultados em dólar e em real**

**RESUMO:** O trabalho analisa o desempenho da balança comercial dos agronegócios brasileiros no período 1997-2004, em comparação com o verificado pela balança comercial total. Enfoca essa questão de duas maneiras distintas, uma tomando os valores em moeda norte-americana e outra com os valores em moeda brasileira. Mostra a relevância das mudanças na conversão cambial na configuração dos resultados obtidos nas exportações setoriais ao verificar que os montantes apropriados em moeda nacional pelos agentes da cadeia de exportação cresceram muito mais que os valores obtidos em divisas em termos de moeda norte-americana. Nas importações demonstra-se que, embora os dispêndios nacionais em moeda norte-americana tenham mostrado queda, os valores dispendidos pelos agentes da cadeia de importações crescem no período. Finalizando, na análise do perfil de agregação de valor do comércio exterior dos agronegócios brasileiros caracteriza-se a prevalência dos produtos básicos nas exportações e dos produtos manufaturados nas importações. Os saldos comerciais com produtos básicos respondem pela metade dos valores das transações setoriais, preponderando ainda que tenham ocorrido avanços dos valores dos produtos manufaturados como proporção dos saldos comerciais.

**Palavras-chave:** comércio exterior, balança comercial, política cambial.

**BRAZILIAN AGRIBUSINESS TRADE BALANCE PERFORMANCE OVER 1997-2004:  
differences between the trends for results measured in US dollars and in Brazilian reais**

**ABSTRACT:** This work analyzes the Brazilian agribusiness trade balance performance over 1997-2004, as compared with the overall balance of trade. This issue is approached in two ways: taking the values in US and Brazilian currencies. It shows the relevance of the changes in exchange conversion to the configuration of the results obtained in the sectoral exports by verifying that the values appropriated in national currency by the exports chain's agents increased much more than the values obtained in terms of US currency. As for imports, it is demonstrated that although national expenditures in US currency have decreased, the values spent by the imports chain's agents increased in the period. Finally, the analysis of the value-adding profile of the agribusiness foreign trade verifies the prevalence of basic products in exports, and manufactured products in imports. The trade balance for basic products answers for 50 percent of the values of the sectoral transactions, and prevails even though there were advances in the figures of the manufactured products as a proportion of the trade balance.

**Key-words:** foreign trade, trade balance, exchange rate policy.

---

Recebido em 01/06/2005. Liberado para publicação em 06/10/2005.